

Recebido: 15/12/2019

Aprovado: 12/02/2020

DOI: 10.26512/emtempos.vi35.28648

O livre des faits d'armes et de chevalerie e a Guerra dos Cem Anos: produto ou influência?

Stephanie Sander

Mestranda em História na UFSC

tephasander@gmail.com

Resumo: A mídia constantemente dá atenção a assuntos ligados à Idade Média, em especial às guerras. A Guerra dos Cem anos já foi amplamente estudada pela historiografia, principalmente inglesa e francesa, de modo que às vezes parece que conhecemos todos os seus aspectos. Conhecemos? Pretendemos apresentar uma fonte, um livro, cuja origem pode ser encarada como “um tanto incomum”, e que pode oferecer um ângulo diferente sobre o conflito, pois poder ter sido direta ou indiretamente fruto do mesmo. Intitulado *Livre des Faits d'Armes et de Chevalerie* (1410), a obra foi concebida por uma figura bastante conhecida do meio intelectual francês da época, mas que talvez hoje não seja tão familiar ao público: Christine de Pizan (1365 –c. 1430).

Palavras-chave: Christine de Pizan; *Livre des faits d'armes et de chevalerie*; guerra no medievo.

Abstract: Media constantly gives attention to subjects related to the Middle Ages, especially to wars. The Hundred Years Wars is already largely studied by

historiography, mainly English and French, in a way that it seems we know all of its aspects. Do we know them all? We intend to present a source, a book, which origin may be seen as “a little uncommon”, but it can offer a different point of view about the conflict. This book may be a direct or indirect product of this war. Entitled *Livre des faits d’armes et de chevalerie* (1410), this work was produced by a very known character in the French intellectual *milieu* at the time, but today the author is not that familiar to the public: Christine de Pizan (1365-c.1430).

Key-words: Christine de Pizan; Livre des faits d’armes et de chevalerie; war in the Middle Ages.

Introdução

O período histórico que envolve a Guerra dos Cem Anos (1337-1453) – e a própria guerra em si – foi amplamente estudado pela historiografia inglesa e francesa. O conflito foi retratado das mais diversas formas pela mídia em filmes e documentários e atraiu a atenção do público não acadêmico. Conhecemos as batalhas, os cercos, as glórias e as derrotas, os vencedores e os vencidos, os avanços tecnológicos e os danos causados pela disputa. De modo que às vezes parece que conhecemos todos os seus aspectos. Conhecemos?

Como parte dos resultados de nossa pesquisa de conclusão de curso, defendida em 2016, pretendemos apresentar um livro cuja origem pode ser encarada como “um tanto incomum”, e que pode oferecer, quem sabe, um ângulo diferente sobre o conflito, por poder ter sido direta ou indiretamente fruto do mesmo.

Intitulado *Livre des Faits d’Armes et de Chevalerie*¹, a obra foi concebida em 1410 por uma figura conhecida do meio intelectual francês da época, mas que talvez hoje não seja tão familiar ao público: Christine de Pizan² (1365 – c. 1430).

A devota de Minerva

¹ Em tradução nossa o título significa “O livro dos feitos de armas e de cavalaria”. Esta é a grafia francesa atual do título do livro. O título originalmente seria grafado *livre des fais* (ou *faiz*) *d’armes et de chevalerie*. No decorrer deste artigo será referido como *faits d’armes*. Utilizamos como referência a tradução inglesa da fonte, feita por Sumner Willard e editada por Charity C. Willard em 1999; o manuscrito disponível online na Biblioteca Nacional da França, sob a cota Ms. Fr. 603; e a transcrição deste manuscrito, publicada por Christine M. Laennec junto de sua dissertação de PhD em 1988. Cf. referências.

² Sobre a grafia do sobrenome da autora, ele está associado ao seu lugar de origem. Durante muito tempo relacionou-se a autora com a cidade de Pisa, na Itália, por isso encontramos a grafia “Pisan”, com s, em algumas edições das obras da autora. Entretanto, nos manuscritos de sua obra encontramos “Pizan”, com z, e estudos atuais apontam para a localidade de Pizzano, próximo de Veneza, onde ela nasceu, por isso optamos pela grafia com z. Cf. LEITE, 2014.

Oh Minerva! Deusa das armas e da cavalaria, que, por virtude de [teu] elevado entendimento [em relação às] outras mulheres, encontraste e instituístes, entre as nobres artes e ciências que de ti nasceram, o costume de forjar o ferro e o aço em armaduras [...]. Escudos, elmos e outros arneses defensíveis vieram primeiramente de ti. Tu instituístes e deste maneiras de arranjar a ordem [dos guerreiros] em batalha; de atacar; e de combater de modo [apropriado]. Dama e alta deusa, não te desapontes comigo, uma simples e fraca mulher, perto de tua grandeza e renomado saber, que ousa, no presente momento, intentar falar de tão magnífico ofício que é este de armas [...]. [Pois também] sou como tu, mulher italiana (PIZAN, 1999: 13, tradução nossa).³

É com esta oração que Christine de Pizan termina o primeiro capítulo do *faits d'armes*, um prólogo no qual ela explica que foi encorajada por seus trabalhos anteriores para tratar do “mais honroso ofício” – o das armas (PIZAN, 1999: 12, tradução nossa).⁴ Assunto que ela mesma considera ousado e incomum. Por isso, Pizan ora à deusa Minerva para que ela lhe traga não somente inspiração, mas também legitimidade para completar tal tarefa (Cf. PIZAN, 1999: 12).

Mas quem foi essa mulher que, no século XV, na corte francesa dos reis Charles V (1338-1380) e Charles VI (1368-1422), ousou escrever sobre a guerra? Como? E por quê?

Christine de Pizan figura entre os principais intelectuais e pensadores políticos de seu tempo. Hoje ela é conhecida principalmente por sua obra *Livre de la Cité des Dames* (1404-1407) – escrita sobre mulheres, para mulheres; e por seu protagonismo em uma das principais querelas literárias do medievo, a *Querelle de la Rose* (1401-1402).⁵ Para os não familiarizados com esses campos onde os estudos sobre a autora são mais conhecidos, segue uma breve biografia dela.

Conforme Françoise Autrand, uma das biógrafas da autora, Pizan nasceu em Veneza, Itália, por volta de 1365. Mudou-se para a França ainda pequena, quando seu pai, o conhecido professor da Universidade de Bolonha, Thomas de Pizan (c. 1310-1387) é convidado para

³ As traduções aqui apresentadas foram feitas com base principalmente na tradução inglesa, mas o manuscrito e a transcrição mencionados anteriormente também foram consultados. O trecho em inglês: “O Minerva! goddess of arms and of chivalry, who, by understanding beyond that of other women, did find and initiate among the other noble arts and sciences the custom of forging iron and steel armaments [...] helmets, shields, and protective covering having come first from you – you instituted and gave directions for drawing up a battle order, how to begin an assault and to engage in proper combat. Lady and high goddess, may it not displease you that I, a simple little woman, should undertake at the present time to speak of such an elevated office as that of arms. [...] like you I am an Italian woman.” (PIZAN, 1999: 13).

⁴ “of the most honorable office” (PIZAN, 1999: 12).

⁵ Em português, “O livro da cidade das damas”. Sobre a obra Cf. CALADO, 2006; Sobre a *Querelle de la Rose* Cf. MCWEBB, 2013.

fazer parte da corte do rei Charles V como seu conselheiro e médico (Cf. AUTRAND, 2009: 14–16).⁶ Pizan conta em algumas de suas obras histórias sobre sua própria vida, deste modo sabemos que foi seu pai que a iniciou no mundo das letras e que pai e filha eram pessoas ávidas por conhecimento (Cf. PIZAN, 2017: 30–35). Casou-se ainda jovem, talvez aos quinze anos,⁷ com o notário e funcionário da chancelaria real Étienne de Castel (c. 1356 – c. 1390), com quem teve três filhos (Cf. AUTRAND, 2009: 26–29).

Christine de Pizan descreve seu casamento como uma época feliz: “dez anos de prosperidade” nas palavras de Autrand (AUTRAND, 2009: 39, tradução nossa).⁸ Até que sua fortuna mudou com o falecimento de seu pai em 1387 e de seu esposo em 1390. Aos 25 anos Pizan se vê sozinha, com uma família para cuidar e encontra na sua paixão pelo conhecimento uma saída para sua angústia e um meio de sustento na escrita (AUTRAND, 2009: 57).

Seus primeiros textos foram principalmente poemas, sobretudo com temática amorosa, voltados ao público cortesão. Conforme seu trabalho começou a ganhar leitores e ouvintes na corte, a autora desenvolve obras mais complexas e extensas, para públicos diversos, abordando diferentes temáticas – inclusive elaborou livros de caráter essencialmente histórico e político (MARGOLIS, 1986: 361–362). Poetas contemporâneos como Charles d’Orleans (1394-1465), Alain Chartier (c. 1384-1440) e Thomas Hoccleve (c. 1367-1426) foram influenciados por suas ideias e poemas (CRITTEN, 2015: 681–682). Após sua morte alguns de seus textos foram traduzidos para o português, o inglês e o alto-alemão médio.⁹

Uma mulher na política¹⁰

⁶ Optamos majoritariamente pela grafia dos nomes em suas línguas originais, com exceções feitas para Thomas de Pizan (Tommaso di Benvenuto da Pizzano) e, mais adiante, Isabeau de Bavière (Elisabeth von Wittelsbach-Ingolstadt), onde optamos pela grafia francesa; e do autor romano do século IV, Vegécio (Vegetius em latim), que também será mencionado adiante, onde optamos pela grafia portuguesa.

⁷ A documentação acerca da vida da autora é bem escassa, portanto não se sabe ao certo a data de seu casamento. As informações que temos sobre sua vida estão principalmente nos dados autobiográficos inseridos nas suas obras. Neste caso, no *livre de la Mutacion de Fortune* (1403) (o livro da Mutação da Fortuna), Pizan conta, através de uma alegoria como foi seu casamento, por volta dos 15 anos, quando foi enviada à corte do deus Himeneu. Cf. PIZAN, 2017: 40–42.

⁸ “Dix années de prospérité” (AUTRAND, 2009: 57).

⁹ Sua obra *Trois Vertus* (1405) (Três virtudes) foi traduzida para o português entre 1447 e 1455 à pedido da rainha D. Isabel de Portugal (1432-1455); uma tradução do *faits d’armes* para o alto-alemão foi feita na metade do século XV; e uma tradução inglesa, impressa, também do *faits d’armes* foi feita por William Caxton em 1489. Cf. LEITE, 2008: 73–83; e BUSCHINGER, 2011.

¹⁰ Uma referência ao subtítulo da já citada biografia da autora escrita por Françoise Autrand “une femme en politique”.

Uma análise feita sobre o conteúdo das obras de Pizan nos mostra o que a portuguesa Sara Rodrigues de Sousa descreve como uma “passagem progressiva, registada ao longo de sua carreira, da temática amorosa para a política” (SOUSA, 2006: 103). O caso dela não é isolado, como demonstra Blanchard citando como exemplo Christine de Pizan, Alain de Chartier e Jean de Gerson (1363-1429). Essa “entrada” do poeta na política é considerada pelo autor como consequência direta das circunstâncias históricas dos primeiros anos do século XV no reino francês (BLANCHARD, 1990: 43–44).

Robert H. Lucas, na introdução da edição crítica de 1967 de outra obra política da autora, o *Livre du Corps de Policie*¹¹ (1407), observa que a maioria das obras de Pizan elaboradas após 1405 se opõem à guerra civil que a França enfrentava no período (LUCAS, 1967: IX).

Demonstrando estar ciente e preocupada com a situação política do reino, suas obras naquele momento refletem seu desejo pela paz (LUCAS, 1967: IX). E, conforme acrescenta Berenice A. Carroll, seus escritos inovam em diversos ângulos o estudo moderno sobre a paz e a guerra, condenando fortemente seus males, antecipando inclusive a retórica de pacifistas como Erasmus de Roterdã (1466-1536) (CARROLL, 2000: 343–344). Mesmo antes de a guerra civil estourar, Christine de Pizan exprime suas preocupações à rainha Isabeau de Bavière (1370-1435), informando as necessidades do povo perante aos acontecimentos e suplicando-lhe para assegurar a paz entre os duques envolvidos na disputa (LUCAS, 1967: IX).

Quando Pizan escreve o *faits d'armes* a chamada Guerra dos Cem Anos estava num hiato desde 1389, quando foi acordada uma trégua de pelo menos 28 anos.¹² Até então a guerra foi marcada por altos e baixos. O reino francês teve grandes derrotas (como a Batalha Crécy em 1346 e a de Poitiers em 1356), mas ambos os lados sofreram, tanto em aspectos econômicos quanto em perda de população, entre outros (Cf. CURRY, 2002).

Internamente, a situação da França estava, no mínimo, delicada. Charles VI era nominalmente o rei, mas sua instabilidade mental o incapacitava de governar de fato. Essa situação pôs em questão quem realmente administraria o reino em seu nome, encorajando uma disputa entre o irmão do rei, “o jovem e inexperiente” Louis, duque de Orléans (1372-

¹¹ O título do livro significa, em tradução nossa, “O livro do corpo político”.

¹² A trégua foi motivada, entre outras coisas, por conflitos entre o reino inglês e a Escócia. Ela foi mantida tecnicamente até que Henry V (1386-1422), da Inglaterra, aproveitando-se da situação interna e conflituosa do adversário, invadiu a França em agosto de 1415. Cf. CURRY, 2002: 10 e 53–54.

1407), e “o veterano das guerras flamengas e inglesas”, Philippe *le Hardi* (1342-1404), duque da Borgonha, tio do rei (LUCAS, 1967: IX, tradução nossa).¹³

A situação do reino à beira de uma guerra civil se agrava quando Philippe morre em 1404 e seu filho Jean *sans Peur* (1371-1419), assume a disputa e manda matar Louis de Orléans em 1407. O assassinato ocorre, mas o plano do duque é descoberto e ele foge de Paris. Entretanto ele retoma sua influência sobre a corte pouco depois (WILLARD, 1998: 10).

Charity C. Willard, na introdução da tradução inglesa do *faits d'armes*, descreve Jean *sans Peur*, como um homem ambicioso e um dos poucos nobres franceses com um bom conhecimento de estratégia militar. Quando retorna a Paris, ele ganha influência sobre a rainha Isabeau, que o nomeia guardião do delfim Louis, duque de Guyenne (1397-1415) – que desde criança fora alvo da disputa dos duques que queriam influenciá-lo para assim terem seus próprios interesses servidos uma vez que ele fosse rei (WILLARD, 1999: 3).

Uma vez tendo a guarda do delfim e sendo o encarregado de sua educação, o duque cerca-o de conselheiros favoráveis aos seus ideais. Willard propõe que foi o duque da Borgonha quem pensou em uma educação focada em liderança militar para o delfim Louis. E muito se indica que foi Jean *sans Peur* quem encomendou o *fais d'armes* à Christine de Pizan, pois provavelmente já estava familiarizado com o trabalho da autora, uma vez que foi o pai do duque, Philippe *le Hardi*, que encomendou a biografia de Charles V,¹⁴ também com o propósito de que o livro ajudasse na educação do delfim (WILLARD, 1999: 3–4).

A situação conflituosa do reino motivou Pizan a escrever, em 1407, o já mencionado *Livre du corps de policie*, descrito por Lucas como “um tratado geral sobre a educação das crianças nobres e um *livro de boas maneiras*”, dedicado ao rei Charles VI e seus filhos, especificamente ao duque de Guyenne (LUCAS, 1967: XII, grifo do autor).¹⁵ Isto demonstra que as preocupações da autora em relação à situação política da França podem ter entrado em consonância com as intenções do duque da Borgonha para a educação do delfim. Pizan teria tido, portanto, a oportunidade de aconselhar o futuro rei.

¹³ “le jeune et inexpérimenté” e “le vétéran des guerres flamandes et anglaises” (LUCAS, 1967: IX). A disputa entre os duques originou uma guerra civil entre 1407 e 1435, conhecida em português como a Guerra Civil dos Armagnacs e Borguinhões (*Bourguignons*). Cf. AUTRAND, 2000.

¹⁴ Intitulado *Le livre des faits et bonnes moeurs du sage roi Charles V* – O livro dos feitos e boas maneiras do sábio rei Charles V –, escrito por Pizan em 1404.

¹⁵ “un traité general sur l'éducation des enfants nobles, et un *livre des manières*” (LUCAS, 1967: XII, grifo do autor).

O *faits d'armes*

Ainda assim, para dar uma instrução mais particular, não para aqueles que já estão informados, mas para aqueles que no futuro poderão ler ou ouvir ler pelo desejo de aprender (uma vez o que está escrito em livros é uma das coisas que mais duram no mundo), parece-me uma boa ideia mostrar neste trabalho, em maior detalhe, coisas que podem ser úteis para atacar fortificações, castelos e cidades, de acordo com o presente, de maneira a prover exemplos mais compreensíveis. (PIZAN, 1999: 117, tradução nossa).¹⁶

Esta é a explicação que Christine escreve para introduzir os capítulos da segunda parte do *faits d'armes* onde ela discute aquela que é considerada a operação de guerra mais comum do medievo: o cerco. Percebemos aqui um pouco da intenção da autora ao escrever seu tratado, bem como a direção para qual ela o projeta, de maneira ampla, àqueles que irão ler ou ouvir ler sua obra.¹⁷

Como apontamos anteriormente, o manual foi provavelmente encomendado por Jean *sans Peur*, para auxiliar na educação do delfim da França, Louis de Guyenne (WILLARD, 1999: 4–5).

Conforme Charity C. Willard, pelo menos 18 exemplares manuscritos do *faits d'armes*, datados do século XV, sobreviveram. Destes, dois são considerados os mais contemporâneos da data de composição da obra: o *Brussels, Bibl. Roy. MS. 10476* e o *Paris, Bibl. Nat. MS. 603*.¹⁸ Acredita-se que o primeiro tenha sido escrito por volta de 1410 ou pouco depois, enquanto o segundo pode ter sido confeccionado após o declínio da influência de Jean *sans Peur* na corte francesa (após 1413), pois o manuscrito não possui as menções feitas ao duque que se encontram no primeiro (WILLARD, 1999: 1–2).

A datação da obra, 1410, toma como base um trecho onde, em se tratando dos julgamentos por combate, Christine de Pizan escreve “tu podes realmente saber que tal combate é proibido, por esse motivo, graças a Deus, o rei da França e seu bom conselho

¹⁶ “Nevertheless, to give more particular instruction, not to those who are already informed, but to those who in the future may read this or hear it read through desire to learn (as what is written in books is one of the most enduring things in the world), it seems to me a good idea to show in the work in greater detail things that may be good and useful for attacking strongholds, castles, and towns according to present-day usages, in order to provide more comprehensible examples.” (PIZAN, 1999: 117).

¹⁷ A leitura no medievo era uma atividade coletiva, feita majoritariamente em voz alta. Eram poucas as pessoas que sabiam ler, mesmo nas cortes. Assim, era comum pessoas se reunirem em locais públicos (frente ou dentro de igrejas ou em praças) para ouvir a leitura feita de um decreto real ou um sermão religioso. Nas cortes era costume se reunir para ouvir ler histórias e contos. Sobre a leitura no período Cf. ZINK, 2002.

¹⁸ Estes manuscritos serão referidos por *Ms. 10476* e *Ms. 603*, respectivamente. O último encontra-se on-line na *Gallica*. Ver referências.

tomou conhecimento disso *há quatro anos*, por meio de que não pode mais ser usado em seu reino.” (PIZAN, 1999: 199, tradução nossa, grifo nosso).¹⁹ Sumner Willard, o tradutor da obra para a língua inglesa, aponta para a *Lettre patente du 27 janvier 1406*, onde o rei Charles VI promulga uma lei proibindo os julgamentos por combate no reino em janeiro de 1406 (Cf. SECOUSSE, 1755: 105).

O *faits d'armes* é dividido em quatro partes. Após a apresentação da obra, Pizan dedica os primeiros capítulos a um debate sobre a Guerra Justa, onde a autora discorre sobre os motivos que podem levar a um conflito justo e quem tem o direito de declarar guerra contra um rival. Aqui, ela apoia a opinião corrente em sua época de que a Guerra Justa só poderia ser travada contra usurpações e opressões, para a obtenção de justiça e só deveria ser permitida por um governante legítimo, “não como um indivíduo, mas como um chefe de estado, responsável pelo bem-estar de seus súditos” (WILLARD, 1999: 6, tradução nossa).²⁰

Ainda na primeira parte, a autora também discute as qualidades necessárias para um comandante militar exemplar, neste caso o Condestável.²¹ Pizan particulariza a necessidade do treinamento constante do guerreiro, propondo um espelho de conduta e, por fim, aborda alguns aspectos principais acerca do recrutamento e das batalhas campais.²²

A segunda parte da obra pode ser separada em três blocos. O primeiro é dedicado à narração de grandes feitos de guerra da Antiguidade, para servir de *exempla* para seus leitores/ouvintes. O segundo bloco ganha ênfase, pois Christine de Pizan discorre sobre o cerco. A autora faz algumas comparações entre como eram feitas essas operações de guerra na antiguidade e em seu próprio tempo, detalhando com esmero vários aspectos. O grande destaque desta parte é a série de listas que Pizan provém com tudo o que é necessário para proteger uma cidade amuralhada ou um castelo contra um ataque – algo inédito em tratados militares até então (PIZAN, 1999: 110–126). O terceiro bloco, ela escreve dois capítulos breves sobre as campanhas navais.

¹⁹ “you can indeed know that such combat is forbidden, for which reason, God be thanked, the king of France and his good council took notice of this *four years ago*, whereby it can no longer be used in his kingdom.” (PIZAN, 1999: 199, grifo nosso).

²⁰ “not as an individual, but as a head of state responsible for the welfare of his subjects.” (WILLARD, 1999: 199).

²¹ Para o caso francês, o Condestável (*Connétable*) é o primeiro grande oficial militar da coroa, é o chefe da armada. Cf. SICARD, 1834: 156–160.

²² Abordamos de maneira um pouco mais detalhada a questão do espelho de conduta para os guerreiros em nosso trabalho de conclusão de curso. Cf. SANDER, 2016.

Escrita na forma de um diálogo entre Christine e seu mestre, as duas últimas partes do *faits d'armes* abarcam questões legais da guerra. A terceira parte da obra destaca leis e costumes como: relações de suserania e vassalagem no recrutamento, o pagamento do soldo e prisioneiros de guerra. A quarta parte discute salvo-condutos, julgamento por combate e heráldica. Estas duas partes da obra, de acordo com Charity C. Willard, tinham como objetivo promover a ideia de que todos os combatentes de uma guerra estão conectados a certas regras de combate aceitas pela sociedade e que todos os envolvidos no conflito devem tomar conhecimento delas (WILLARD, 1999: 8).

Apesar das intenções que Jean *sans Peur* tinha ao encomendar a obra, percebemos que a autora não se ateve apenas ao que lhe foi solicitado quando a escreveu e deu voz às suas próprias ideias. Encorajada por seus trabalhos anteriores Pizan teve o intuito de aconselhar e instruir não apenas o delfim, mas combatentes de modo geral – os quais eram provavelmente incapazes de ler e poderiam “ouvir seu texto lido em voz alta” (WILLARD, 1999: 5, tradução nossa).²³

Para ela era imprescindível “fomentar a ideia de que na guerra todos os combatentes devem estar sujeitos a certas regras, geralmente aceitas, de conduta” (WILLARD, 1998: 14, tradução nossa).²⁴ Por essa razão, era necessário que todos compreendessem tais condutas, assim como era fundamental ter noções básicas de estratégia militar, saber da importância do treinamento constante e, principalmente, ter noção se a guerra que está sendo travada era justa ou não.

Com esses objetivos em mente, Christine de Pizan reúne “fatos e assuntos de vários livros” para escrever sua obra. Levando em consideração o fato que “militares e especialistas leigos na arte da cavalaria geralmente não são clérigos ou escritores instruídos na ciência da linguagem”, ela teve a “intenção de tratar o assunto linguagem mais simples possível”, para que todos a compreendam (PIZAN, 1999: 12, tradução nossa).²⁵ Christine deixou claro que seu objetivo ao escrever era educacional, pois era “necessário lembrar dos males e da crueldade da guerra, para evitá-los no futuro” (CARROLL, 2000: 355, tradução nossa).²⁶

²³ “hear her text read aloud” (WILLARD, PIZAN, 1999: 5).

²⁴ “to promote the idea that in warfare all combatants should be bound by certain generally accepted rules of conduct” (WILLARD, 1998: 14).

²⁵ “facts and subject matter from various books”; “military and lay experts in the aforesaid art of chivalry are not usually clerks or writers who are expert in language”; e “I intend to treat the matter in the plainest possible language”. (PIZAN, 1999: 12).

²⁶ Tradução nossa de: “it is necessary to remember the evils and cruelty of war if it is to be avoided in the future”. (CARROLL, 2000: 355).

Assim, vale ressaltar que a autora não ambicionou escrever um livro sobre tudo o que tinha para se escrever sobre a guerra em seu tempo. Ao analisarmos a obra, entendemos que ela destacou o que considerava mais importante e o que talvez fosse deficiente no reino, sugerindo melhorias. Pizan só utilizou o que julgava ser necessário em suas fontes, resumindo, criticando, concordando, parafraseando ou acrescentando algo de seu ao texto de suas fontes.

Christine de Pizan dedicou toda sua carreira ao desenvolvimento de “um estilo discursivo para transmitir visão espiritual e intelectual, em uma forma agradável e acessível, sem perder a persuasão argumentativa” (MARGOLIS, 1986: 361, tradução nossa).²⁷ Considerando o conjunto da obra cristiniana, podemos dizer que o *faits d’armes* é um bom exemplo desse estilo discursivo chamado por Bernard Ribémont de “escrita didática cristiniana” (RIBÉMONT, 2008: 72, tradução nossa).²⁸ Esta sua maneira de escrever e de expor suas ideias ganhou popularidade e se alastrou pelo tempo: uma tradução alemã foi feita na metade do século XV (Cf. BUSCHINGER, 2011); uma edição do *faits d’armes* impressa foi feita por Antoine Vérard (ativo entre 1485-1512) ainda em 1488; e em 1489 o livro foi traduzido para o inglês por William Caxton (1422-1491). Além disso, o livro pode ter influenciado a reforma feita no exército francês por volta de 1445 (WILLARD, 1999: 2–3, 8).

Apesar de toda a repercussão que a obra teve na época que foi escrita, infelizmente não há, até o momento, uma edição crítica da fonte para o francês moderno.²⁹ Em 1932 A.T.P. Byles publicou uma edição da tradução de Caxton. E em 1999 Sumner e Charity C. Willard publicam uma tradução da obra para o inglês, baseada no *Ms. 10476*. Mas são edições de difícil acesso.³⁰ O já mencionado *Ms. 603* encontra-se digitalizado no website da Biblioteca Nacional da França, a *Gallica*. Além disso, Christine M. Laennec incluiu em sua dissertação de PhD em 1988 uma transcrição deste mesmo manuscrito.

À guisa de exemplo: o *faits d’armes* na Guerra dos Cem Anos?

²⁷ “a discursive style for conveying spiritual and intellectual insight in an agreeable, accessible manner, without losing argumentative persuasiveness”. (MARGOLIS, 1986: 361).

²⁸ “l’écriture didactique christinienne” (RIBÉMONT, 2008: 72).

²⁹ Em junho de 2019 Lucien Dugaz defendeu sua tese onde ele propôs uma edição crítica da obra, baseada nos manuscritos e edições antigas impressas do *faits d’armes*. Entretanto a tese ainda não foi publicada e não se encontra disponível em repositórios on-line. Cf. <<http://www.theses.fr/2019USPCA050>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

³⁰ Nas bibliotecas brasileiras sabemos que a Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina possui um exemplar da edição de Sumner e Charity C. Willard. Não tivemos acesso à edição de A.T.P. Byles.

[...] Faz[er] com que a vanguarda [tenha] uma extensão considerável, com homens de armas³¹ dispostos juntos, de modo que um não deva passar do outro, [...] e nos seus lados, na[s] ala[s], [posicionar] a artilharia, os canhoneiros ao lado dos besteiros³² e arqueiros dispostos de forma semelhante. Após esta primeira formação, chamada de vanguarda, vem a principal formação de batalha, onde a grande massa de homens de armas é ordenada por seus capitães, que estão em seu meio [...]. Alguns dizem que se isso inclui[r] um número considerado de pessoas comuns³³, estas devem ser usadas para reforçar as alas em fileiras bem ordenadas atrás da artilharia [...]. No meio desta grande formação está o príncipe comandante [...]. Ao seu redor ficam os melhores e mais experientes homens de armas, para a segurança do príncipe e do [seu] estandarte. Logo após, seguindo esta grande formação, vem a terceira parte, chamada de retaguarda, disposta para apoiar aqueles da frente. Estes ficam igualmente bem ordenados e, atrás deles, ficam os valetes³⁴ a cavalo, que podem ajudar os outros se deles precisarem [...]. Com todos estes arranjos, costuma-se pôr em ordem uma quantidade de homens de armas, hábeis em seu ofício, montados em bons corcéis ou cavalos de carga³⁵, todos prontos nos lados [da formação] para correr e quebrar [a formação adversária], lançando em desordem a formação de batalha que o inimigo reuniu. Desta forma a batalha é ganha através daqueles que sabem melhor como [prestar] assistência. (PIZAN, 1999: 65–66, tradução nossa)³⁶

É desta maneira que Christine de Pizan escreve sobre a organização das tropas no campo de batalha, de acordo com seu tempo, no capítulo XXIII da primeira parte do *fais*

³¹ Em inglês *man-at-arms*, em francês *gens d'armes*. Grosso modo, para o caso francês, o homem de armas consiste em um guerreiro bem armado, geralmente com equipamento completo, que tem sobre o seu comando outros homens. Estes constituíam a maior parte da armada francesa. Normalmente são guerreiros montados que não têm o título de cavaleiro e que podem ou não ser de família nobre. Cf. “gendarmerie” In: THE ENCYCLOPAEDIA..., v. 11, 1910: 573; e “gendarme” In: DICTIONNAIRE... Cf. referências.

³² Em inglês *crossbowmen*, em francês *arbalétrier*. Aqueles que atiram com bestas (*crossbow*, *arbalète*).

³³ Isto é, pessoas não treinadas para o combate.

³⁴ A palavra utilizada na tradução inglesa é *yeoman*. Para o contexto militar, a palavra designa um combatente que está abaixo do cavaleiro e do escudeiro, mas acima dos serventes. Pode designar também um assistente de oficial. Cf. “yeman”. In: DIDEROT; D’ALEMBERT, v.17, 1765: 667; No *Ms. 603* a palavra utilizada no fólio 22r é “*varlez*”. De acordo com o *Dictionnaire du Moyen Français*, *valet* é um jovem, pode ser nobre, colocado a serviço de um senhor como pajem ou escudeiro. Cf. “valet” In: DICTIONNAIRE... Cf. referências.

³⁵ Isto é, cavalos apropriados para executar a técnica de batalha conhecida como carga de cavalaria, ou *charge*, no inglês.

³⁶ “[...] making the advance guard of considerable length, with men-at-arms arranged close together, so that one should not pass another, [...] and in wing formation at their sides the firepower, cannoneers along with crossbowmen and archers similarly arranged. After this first formation, called the vanguard, comes the principal battle formation, where the great mass of men-at-arms is ordered by their captains, who are in their midst [...]. Some say that if this includes a considerable number of common people, these should be used to reinforce the wings in well-ordered ranks behind the firepower [...]. In the middle of this great formation stands the commanding prince [...]. Around him are the best and most experienced men-at-arms, for the safety of both the prince and the banner. Next, following this great formation, comes the third part, called the rear guard, arranged to support those in front. These are likewise well ordered, and behind them are the yeomen on horseback, who can aid the others if they have need of it. [...] With all these arrangements there is usually put in order a quantity of men-at-arms, skilled in their craft, mounted on good steeds or chargers, all ready on the sides to come racing to break up and throw into disarray the battle formations of the enemy when they have assembled. In this way the battle is won by those who best know how to be of assistance.” (PIZAN, 1999: 65–66).

d'armes. Ela explica que essa era a maneira “comum” de organizar as hostes e atacar em batalhas campais.

Esta explicação sobre como dispor a armada provavelmente provém do conhecimento adquirido com os “sábios cavaleiros” que a autora mencionou no capítulo XII da segunda parte da obra, que a ajudaram com informações práticas sobre a guerra na sua época (PIZAN, 1999: 110, nota 73).³⁷ Pizan citou que esse foi o modo com que foi disposta a armada francesa durante o triunfo na Batalha de Roosebeke, em 1382, contra Flandres, que foi liderada pelo próprio Charles VI com quatorze anos de idade.³⁸ E também foi como o duque da Borgonha, Jean *sans Peur*, obteve vitória na Batalha de Othée em 1408 (PIZAN, 1999: 66).³⁹

A Guerra dos Cem Anos foi majoritariamente travada através de operações de cerco, *chevauchées*⁴⁰ e ataques navais - as batalhas campais ocorriam pontualmente, mas não eram comuns. Para o caso das batalhas campais, Anne Curry afirma que a estratégia francesa não variou muito até pelo menos depois da Batalha de Azincourt, em 1415 (CURRY, 2002: 59). David Nicolle complementa, explicando que a infantaria francesa raramente era utilizada para proteger os flancos da sua cavalaria, que era muito vulnerável às flechas dos arqueiros das tropas inglesas. Como resultado, muitas tentativas de carga de cavalaria foram fracassadas, o que causou a perda de muitas batalhas (como as batalhas de Crécy, Poitiers, e Azincourt) (NICOLLE, 2000: 22–23).

O Nicolle aponta para uma dificuldade, por parte dos comandantes da armada francesa, no desenvolvimento de estratégias eficazes contra os ingleses no começo do conflito. Para ele, apesar das reações dos franceses após derrotas como em Crécy terem sido rápidas, não foram eficazes. Com o tempo, os franceses passaram então a evitar batalhas campais, focando em operações cercos e contra-cercos, onde obtiveram melhores resultados e avanços (NICOLLE, 2000: 22–24).

³⁷ Entretanto, a autora não cita seus nomes para protegê-los, pois não lhes agradava serem mencionados. Cf. PIZAN, 1999: 110 e 177.

³⁸ De acordo com o Sumner Willard, tradutor do *faits d'armes*, esse foi um episódio de luta entre o Conde de Flandres, Louis de Male (1346-1384) e a cidade de Ghent, sob o comando de Philippe van Artevelde (c. 1340-1382), pelo controle da região de Flandres. O conde pediu ajuda à França, enquanto o outro líder pediu à Inglaterra. O rei, Charles VI, respondeu, liderando o ataque em novembro de 1382, resultando na vitória do Conde e na morte de Philippe. Cf. nota do tradutor In: PIZAN, 1999: 22

³⁹ Este trecho foi omitido no *Ms. 603*, mas consta no *Ms. 10476*, utilizado para a tradução de Sumner Willard. O tradutor explica que essa vitória de Jean *sans Peur* sobre os cidadãos rebeldes de Liège, na atual Bélgica, contribuiu para seu prestígio militar e influência sobre a região dos atuais Países Baixos. Também fortaleceu sua influência na corte francesa. Cf. nota do tradutor In: PIZAN, 1999: 66.

⁴⁰ Estratégia de guerra medieval, onde geralmente algumas centenas de guerreiros a cavalo faziam uma expedição ao território inimigo para enfraquecê-lo pilhando e queimando o território, pode ser traduzida como “cavalgada” (ALLMAND, 1996: 55 *apud* MARTINS, 2007: 586).

Nicolle também explica que durante a segunda fase do conflito (1369–1389), que terminou bem antes de Pizan escrever seu tratado de guerra, a nobreza francesa enfrentou um dilema, pois a realidade da guerra continuava não condizendo com a cultura cavaleiresca cultivada por ela: apesar da maioria dos homens de armas lutarem a pé, o *ethos* da cavalaria ainda estava sobre o cavalo (NICOLLE, 2000: 24–25).

Percebendo talvez essa dificuldade Pizan, aconselhada por seus “sábios cavaleiros”, escreveu sobre a disposição das hostes em campo de batalha, citando exemplos para a melhor compreensão de seu público. Ainda assim, seu conselho vai além do arranjo das tropas, pois ressalta que “o resultado das batalhas é incerto” portanto, “que ninguém tenha muita confiança, mas deva meramente esperar pelo melhor para si mesmo, pois com frequência o oposto daquilo esperado inicialmente pode acontecer” (PIZAN, 1999: 68–69, tradução nossa).⁴¹

Foi somente após o desastre da Batalha de Azincourt, cinco anos após a confecção do *faits d'armes*, que foram feitas mudanças significativas no exército da França. Sob o reino de Charles VII (1422-1461), houve um reflorescimento da infantaria – embora a cavalaria ainda fosse utilizada quando as condições parecessem favoráveis – e um aumento considerável de armas de fogo, principalmente as de mão. O antigo meio de recrutamento foi renovado para criar uma força de infantaria confiável sob o controle do rei, transformando os recrutas em arqueiros, criando os *franc archers*⁴², em 1448 (NICOLLE, 2000: 9, 37).⁴³

As dificuldades em batalhas campais nas primeiras fases do conflito levaram o rei Charles V em 1358 e 1367 a mandar inventariar os castelos e fortificações do reino e incentivar a implementação de melhorias neles. A nobreza, de acordo com David Nicolle, tomou responsabilidade pelas obras (2000: 33–34).

Miguel Gomes Martins explica que as operações de cerco eram de grande importância, pois a conquista de uma fortaleza, praça-forte ou cidade amuralhada também garantia o controle de territórios adjacentes. Pelo fato das batalhas campais serem muitas vezes

⁴¹ “the outcome of battles is uncertain, so that nobody should have too much confidence, but should merely hope for the best for himself, because often the opposite of what is initially expected will occur” (PIZAN, 1999: 68–69).

⁴² Milícia criada sob o reinado de Charles VII, composta por homens livres, armados e fornecidos por cada paróquia do reino. Cf. “francs-archers” In: DIDEROT; D’ALEMBERT, 1757: 280.

⁴³ Sobre as reformas feitas por Charles VII no exército francês e as *compagnies d'ordonnances* Cf. KEEN, 1999: 273–291.

imprevisíveis, como a própria Christine de Pizan coloca em sua obra, preferia-se o cerco, pois, pelo menos em teoria, era possível controlar os acontecimentos (MARTINS, 2007: 643).

Talvez como contribuição para esse esforço de aperfeiçoamento das defesas do reino, Pizan dedica boa parte da segunda parte do *faits d'armes* à guerra de cerco. O assunto é tratado com bastante cuidado e detalhes: da maneira mais apropriada para construir uma fortificação, ao local propício; de como atacar um castelo, quais armas de cerco usar e como funcionam, a como defendê-lo de um ataque e o equipamento e mantimentos necessários para isso (PIZAN, 1999: 104–139). A autora trabalhou minuciosamente, fazendo algumas comparações entre o cerco na antiguidade e em seu próprio tempo, trazendo o trabalho de *auctoritates* como o *Epitoma Rei Militaris*⁴⁴ de Vegécio (século IV), para demonstrar que algumas ideias de outrora ainda eram úteis e aplicáveis em seu tempo (WILLARD, 1999: 3). Mas Pizan foi além da suas fontes: as já mencionadas listas que a autora provém com tudo o que é preciso para proteger uma cidade amuralhada ou um castelo contra um cerco, provavelmente elaboradas com a ajuda de seus “sábios cavaleiros”, são um exemplo disso.

Não podemos saber ao certo se a obra de Christine de Pizan influenciou na maneira como os conflitos na Guerra dos Cem Anos foram resolvidos posteriormente, pois fontes nesse sentido são escassas. Sabe-se que o livro possivelmente alcançou certo prestígio e boa quantidade de leitores na época pela quantidade de manuscritos sobreviventes, traduções e edições posteriores, já mencionados. Entretanto, Charity C. Willard aponta que é possível que o condestável Arthur de Richemont (1393-1458),⁴⁵ tenha provavelmente adquirido um exemplar do *faits d'armes* e pode ter tirado desta obra ideias para sua importante contribuição na reorganização que o rei Charles VII fez nas tropas do reino. Segundo a autora, o condestável insistiu na necessidade de uma liderança adequada, treinamento frequente, disciplina e pagamento regular dos guerreiros – todos pontos discutidos e insistidos por Christine no *faits d'armes* (WILLARD, 1999: 8).

⁴⁴ A obra também é conhecida como *De Re Militari*.

⁴⁵ Arthur III, duque da Bretanha e conde de Richemont, foi um dos principais conselheiros do rei Charles VII e responsável pela campanha que finalmente conseguiu expulsar os ingleses do território francês. Cf. Arthur III. In: THE ENCYCLOPAEDIA..., v. 2, 1910: 682.

Considerações finais

Apesar de não podermos verificar com certeza se o *fais d'armes* influenciou ou não a Guerra dos Cem Anos em algum aspecto, consideramos que a obra foi influenciada sim, ao menos indiretamente, pelo conflito e também pela disputa interna pelo governo do reino francês.

Até o momento em que Christine de Pizan escreve sua obra, a Guerra dos Cem Anos causou grandes perdas ao reino, mas o fim do conflito não parecia estar no horizonte. Para complicar a situação havia uma disputa civil pelo comando administrativo da França. Pizan viu nessa sociedade caótica um espaço para melhora, uma oportunidade para ajudar. Assim, ela escreveu seus tratados políticos, pois acreditava que a solução desses problemas estava no conhecimento, na razão e na sabedoria dos antigos.

O *fais d'armes* não foi um caso à parte. Foi um dos livros mais ousados que Christine de Pizan escreveu e conseguiu conciliar os interesses de seu mecenas com seus próprios, criando uma obra perspicaz, para educar não só o delfim, mas também todos os guerreiros que pudesse alcançar com suas palavras. Pizan escreveu o tratado porque sentiu a necessidade de aconselhar, de mostrar o caminho que ela, através de suas fontes e seu conhecimento, julgara ser o melhor para a situação da sociedade onde vivia.

Uma leitura atenciosa da fonte nos faz perceber que a escrita da autora traduziu bem suas intenções. Apesar do conteúdo teórico, por vezes maçante, que um tratado militar pode oferecer para quem não está habituado com leituras densas na época, a autora conseguiu explicar de maneira acessível e detalhada seus conselhos e ideias. Ela tentou informar seu público, para que ele procurasse conhecer os motivos pelos quais as disputas e guerras estavam sendo travadas. Era importante para ela esclarecer seu leitor/ouvinte o que pode ser considerado ou não uma guerra justa e quais são as consequências das disputas “injustas”.

Contudo, se todas as considerações foram feitas cautelosamente, se todos os conselhos foram ouvidos e o soberano concluiu que a guerra devia ser feita, o *fais d'armes* foi escrito não para abordar todos os assuntos possíveis sobre a guerra, mas sim cobrir as principais lacunas que Pizan percebia no modo como a guerra era conduzida no reino.

Tendo em vista as grandes perdas que o reino da França sofreu até então na guerra contra os ingleses, Christine de Pizan dissertou sobre as batalhas campais e operações de

cerco, de modo a difundir estratégias e conselhos de sábios cavaleiros de seu tempo e autoridades do mundo antigo.

No entanto, vale lembrar que seu conselho foi além das estratégias, pois para Pizan não bastava o guerreiro ter maestria em armas, treinar sempre, ser honrado e pensar antes de tomar decisões, se ele não possuísse conhecimento acerca das leis e dos costumes relacionados à guerra – assim ela escreveu a terceira e a quarta parte do manual, para que todos saibam seus direitos e deveres quando envolvidos com a guerra.

Referências Bibliográficas

AUTRAND, Françoise. France under Charles V and Charles VI. In: JONES, Michael (ed.). *The New Cambridge Medieval History*. v.6. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

_____. *Christine de Pizan: une femme en politique*. Paris: Fayard, 2009.

BLANCHARD, Joël. Christine de Pizan: tradition, expérience et traduction. *Romania*, p. 200–235, 1990. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/roma_0035-8029_1990_num_111_441_1649>. Acesso em: 10 dez. 2019.

BUSCHINGER, Danielle. Le Livre des faits d'armes et de chevalerie de Christine de Pizan et ses adaptations anglaise et haut-alémanique. *Comptes-rendus des séances de l'année - Académie des inscriptions et belles-lettres*, v. 155, n. 2, p. 1073–1092, 2011. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/crai_0065-0536_2011_num_155_2_93253>. Acesso em: 10 dez. 2019.

CALADO, Luciana E. de Freitas. *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*. Estudo e Tradução. 2006. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7590>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

CARROLL, Berenice A. On the causes of war and the quest of peace: Christine de Pizan and early peace theory. In: HICKS, Eric (ed.). *Au champ des écritures. IIIe Colloque International sur Christine de Pizan*. Paris: Honoré Champion, 2000.

CRITTEN, Rory G. Imagining the Author in Late Medieval England and France: The Transmission and Reception ... *Studies in Philology*, v. 112, n. 4, p. 680–697, 2015. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/content/crossref/journals/studies_in_philology/v112/112.4.critten.html>. Acesso em: 10 dez. 2019.

CURRY, Anne. *The Hundred Years' War: 1337-1453*. Oxford: Osprey, 2002.

DICTIONNAIRE du Moyen Français (1330-1500). Disponível em: <<http://www.atilf.fr/dmf/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

DIDEROT, Denis; D'ALEMBERT, Jean Le Rond. *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Paris: André le Breton, Michel-Antoine David, Laurent Durand, Antoine-Claude Briasson, 1757. v. 7 e 17. Disponível em: <<http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedie/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

KEEN, Maurice (ed.) *Medieval Warfare: A History*. Oxford: OUP Oxford, 1999.

LAENNEC, Christine M. *Christine 'antypgrafe': Authorship and self in the prose works of Christine de Pizan with an Edition of B.N. Ms. 603 "Le Livre des Fais d'Armes et de Chevalerie"*. 1988. Thesis (PhD) - Yale University, New Haven, 1988. Disponível em: <<https://search.proquest.com/pqdtglobal/docview/303720678/abstract/53302BDF470A469EPQ/2?accountid=26642>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

LEITE, Lucimara. *Christine de Pizan: uma resistência no aprendizado da moral da resignação*. 2008. Tese

(Doutorado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-14042009-152149/pt-br.php>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

_____. Transcrição do Livro O Espelho de Cristina: uma pequena amostra. *Signum*, v. 15, n. 1, p. 150, 2014. Disponível em: <<http://abrem.org.br/revistasignum/index.php/revistasignumn11/article/view/136>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

LUCAS, Robert H. Introduction. In: PISAN, Christine de. *Le Livre du Corps de Policie*. Ed. Crítica por Robert H. Lucas. Genebra: Librairie Droz; Paris: Librairie Minard, 1967.

MARGOLIS, Nadia. Christine de Pizan: The Poetess as Historian. *Journal of the History of Ideas*, v. 47, n. 3, p. 361–375, 1986. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2709658>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

MARTINS, Miguel Gomes. *Para Bellum: Organização e Prática da Guerra em Portugal durante a Idade Média (1245-1367)*. 2007. Dissertação (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2007.

MCWEBB, Christine. *Debating the Roman de la Rose: A Critical Anthology*. Londres: Taylor & Francis, 2013.

NICOLLE, David. *French Armies of the Hundred Years War*. Ilustrado por Angus McBride. Oxford: Osprey, 2000.

PISAN, Christine de. *Le Livre du Corps de Policie*. Ed. Crítica por Robert H. Lucas. Genebra: Librairie Droz; Paris: Librairie Minard, 1967.

PIZAN, Christine de. *Book of Deeds of Arms and of Chivalry*. Traduzido por Sumner Willard. Editado por Charity C. Willard. Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1999.

_____. *Le livre des faits d'armes et de chevalerie*. Ms. Fr. 603. Paris: Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b6000099t>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

_____. *The Book of the Mutability of Fortune*. Editado e Traduzido por Geri L. Smith. Toronto: Iter, 2017.

RIBÉMONT, Bernard. Christine de Pizan écrivain didactique: la question de l'encyclopédisme. In: DOR, Juliette; HENNEAU, Marie-Élisabeth (Eds.). *Christine de Pizan, une femme de science, une femme de lettres*. Paris: Honoré Champion, 2008.

SANDER, Stephanie. *O guerreiro ideal segundo o Livro des fais d'armes et de chevalerie de Christine de Pizan*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/179715>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SECOUSSE, Dennis-François. *Ordennances des rois de Frances de la troisième race*. Paris: Impr. Royale, 1755. v. IX. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1189763/f137.item>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SICARD, François. *Histoire des Institutions Militaires des français...* Premier Tome. Paris: J. Corréard, 1834. Disponível em: <<https://books.google.fr/books?id=EkxHAAAAYAAJ&hl=pt-BR&pg=PR7#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SOUSA, Sara Rodrigues de. *A construção da autoridade na obra de Christine de Pizan*. Lisboa: Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006.

THE ENCYCLOPAEDIA Britannica: a dictionary of arts, sciences, literature and general information. 11. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1910. v. 2 e 11. Disponível em: <<https://archive.org/details/EB1911WMF/page/n2>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

WILLARD, Charity C. Christine de Pizan on the Art of Warfare. In: DESMOND, Marilyn (ed.). *Christine de Pizan and categories of difference*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1998.

_____. Introduction. In: PIZAN, Christine de. *Book of Deeds of Arms and of Chivalry*. Traduzido por Sumner Willard. Editado por Charity C. Willard. Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1999.

ZINK, Michel. Literatura(s). In: LE GOFF, Jacques; SCHIMMITT, Jean-Claude (eds.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2002.